



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

O MACHISMO E SUAS FORMAS DE ENFRENTAMENTOS: NOTAS DE UMA INTERVENÇÃO ARTÍSTICA

Ana Clara Chaves de Oliveira; Willamys da Costa Melo; Cleane Lacerda do Nascimento;
Sayonara Neves Barbosa Gomes; Maria Auxiliadora Ribeiro

Universidade Federal de Alagoas, petpsico.ufal@gmail.com

Resumo: A atividade “Psicologia em Arte” decorre do Programa de Educação Tutorial (PET) do curso de Psicologia, da Universidade Federal de Alagoas. Construída por petianas/os, em conjunto com estudantes do primeiro período, objetivou-se debater temas contemporâneos, tais como: relações étnico-raciais, sexualidades, gênero, classe social, feminismos, dentre outros, por meio de expressões artísticas. Para esta atividade, o tema escolhido foi “Nosso machismo mata”, tendo sido realizada no bloco em que as aulas ocorrem e como forma de execução realizamos uma intervenção, com os seguintes elementos: fitas adesivas com frases (Machismo Mata, Psi em Arte, Mulheres Negras Resistem, entre outras); uma peça teatral que explorava o conflito entre duas mulheres, sendo uma considerada a “dona perfeita do lar” (“bela, recatada e do lar”) e outra a “puta”; cartazes pontuando os tipos de violências e as formas de relacionamento abusivo; música ambiente com letra feminista; além de um varal com poemas referentes à relação de gênero, entre outras ferramentas. A relevância desta atividade justifica-se por pautar questões contemporâneas e a convidar estudantes a refletirem sobre o tema, pois entendemos que a expressão artística é um dispositivo que auxilia na construção de saberes e nos processos de aprendizagens das/os estudantes para além da sala de aula, assim como uma estratégia para denunciar a desigualdade de direitos e as opressões sofridas pelas mulheres. Portanto, busca-se relatar a execução da atividade, a fim de refletir sobre as formas de enfrentamentos, como sobre a conjuntura do país, em que uma ofensiva fascista ganhou força.

Palavras-chave: Machismo; Psicologia; Programa de Educação Tutorial.

Introdução

A atividade “Nosso Machismo Mata” deriva-se de uma construção conjunta do Programa de Educação Tutorial (PET) com estudantes do primeiro período do curso de Psicologia, da Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

No primeiro momento, apresentaremos o PET-Psicologia/UFAL, que faz parte de um programa composto por grupos tutoriais de aprendizagem, presentes em diversas instituições de

ensino superior do país. Busca promover uma formação acadêmica e cidadã às/aos estudantes de graduação, tanto daquelas/es que estão inseridas/os no programa (petianas/os- bolsistas e colaboradoras/es) como também das/os que não estão, com o auxílio de uma/um professor/a tutor/a, que forneça condições para a realização de atividades extracurriculares, fundamentadas na tríade: ensino, pesquisa e extensão (MOB, 2006).



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

O programa possui um compromisso ético, social, pedagógico e político, constituindo-se como uma modalidade de investimento não só acadêmico, como também uma maneira de vivenciarmos experiências pessoais, criar laços de amizades e vínculos, favorecendo uma formação mais ampla e para além dos currículos convencionais nos cursos em que está inserido (MOB, 2006).

Para tal, um planejamento de atividades é construído a cada ano, durante o qual é organizado um calendário acadêmico, para a realização de tais atividades. Fez parte delas, a nomeada, “Psicologia em Arte”, escolhida para ser aqui apresentado todo o processo de sua construção, bem como a discussão fomentada pela abordagem de gênero e violência de gênero, trazida por Heleieth Saffioti, socióloga marxista, professora e militante feminista brasileira, além daquela sobre relacionamentos afetivos e sexualidades, proposta por Regina Navarro Lins, psicanalista e escritora.

Metodologia

Um grupo tutorial, como o Pet, possui como missão, estimular uma educação ativa e crítica dos/as integrantes e de toda graduação. A organização de práticas e vivências que desenvolvam nas/os acadêmicas/os habilidades para a

resolução de problemas e a iniciativa para a execução de atividades para além da graduação, como pesquisa, ensino e extensão, os três pilares que sustentam suas práticas. Assim como, gestão. Desta forma, as atividades são articuladas aos propósitos de cada curso, visando uma formação global para as/os estudantes (MOB, 2006).

Norteados por esses princípios filosóficos, o PET-Psicologia/UFAL propôs uma construção participativa na atividade “Psicologia em Arte”, que ocorreu no primeiro semestre de 2017.

Participantes

A turma era formada por mais de 40 discentes, composta por estudantes ingressantes do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), assim como por estudantes que fizeram reopção de curso ou que já possuíam um curso superior.

Os encontros com as/os estudantes, realizados pelas/os integrantes do PET-Psicologia, foram centrados, em sua maioria, durante o intervalo entre as disciplinas pelas manhãs, pois as aulas do curso de Psicologia ocorrem durante o período matutino, de segunda a quinta-feira, tendo grande evasão após o encerramento do turno.

O primeiro contato das/os estudantes com o PET-Psicologia/UFAL aconteceu durante a calourada de 2017.1.



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Dentro da programação da semana de acolhimento estudantil, elas/es puderam conhecer a concepção filosófica do programa e se aproximarem das/os petianas/os. Esse contato inicial auxiliou no momento da proposta da atividade, quando a turma formou uma comissão organizadora, com 10 estudantes, que manteria o contato com o PET-Psicologia/UFAL, uma vez que o interesse pela proposta não partia de todas/os.

Procedimento

Para a execução dessa proposta, buscou-se não delimitar um modelo único de operacionalização, apresentando algumas possíveis modalidades que poderiam ser exploradas (ex: mesa-redonda, roda de conversa, intervenções), bem como a definição da temática, que foi selecionada conforme o desejo e o debate do que a turma desenvolvia no momento.

A modalidade escolhida, por meio de diálogos com a turma, foi a realização de uma intervenção no bloco de salas de aula, o qual integra os cursos de Economia, Ciências Contábeis e Psicologia. Além do suporte das/os petianas/os, para apresentação da modalidade e orientação para execução da atividade, contou-se com a orientação da professora Dr^a Érika Cecília Soares de Oliveira, devido a sua experiência com atividades de psicodrama

e teatro do oprimido. Essa contribuição foi importante para a fundamentação teórica da atividade e o estímulo à pesquisa.

A seleção do bloco, do dia e do horário, teve como critérios a presença das/os demais estudantes de psicologia, um momento em comum com os demais cursos que ocupam as salas e a disponibilidade das/os envolvidas/os. Com a temática “Nosso machismo mata”, a prática ao longo da intervenção chamava o público a participar de forma ativa ao longo da atividade, auxiliando no processo de construção de cartazes pontuando os tipos de violência e as formas de relacionamento abusivo; música ambiente com letras feministas, além de um varal com poemas referentes à relações de gênero e outras ferramentas.

O ambiente também foi modificado, utilizando-se fitas adesivas com frases (Machismo Mata, Psi em Arte, Mulheres Negras Resistem, entre outras); exposição de fotografias e a reprodução de uma peça teatral que explorava o conflito entre duas mulheres, sendo uma considerada a “dona de casa perfeita” e a outra a “puta”, construída pelas/os discentes.

Os objetivos do desenvolvimento de tal escolha temática foram: (1) estimular o debate quanto às questões de gênero dentro da universidade de maneira a atingir



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

públicos que nem sempre discutem esses temas durante a formação; (2) complementar e ampliar conceitos debatidos em sala de aula; (3) propiciar uma expressão livre das/os estudantes por meio da arte, articulando suas experiências cotidianas com a produção do conhecimento; (4) denunciar a desigualdade de direitos e as opressões sofridas pelas mulheres.

Os aspectos metodológicos, portanto, partem de uma concepção do ser humano como agente ativo na produção do conhecimento, rompendo com a lógica de sujeito-objeto, integrando a possibilidade de articulação horizontal entre o conhecimento científico e o conhecimento popular. Aspectos que nos aproximam da prática da psicologia comunitária, pois o método desenvolvido auxiliou no processo de transformações dentro do contexto envolvido, de forma dinâmica e coletiva (MONTERO, 2004).

Resultados e Discussão

A atividade, proposta pelo PET-Psicologia/UFAL, construída a partir do engajamento com as/os estudantes do primeiro período do curso, além de explorar as potencialidades artísticas de cada um/a, pôs em discussão o machismo por meio da atuação de duas estudantes, mostrando a perversidade dessa prática, em

que uma mulher é colocada em conflito com outra, expondo, assim, o enraizamento do machismo e da misoginia na nossa sociedade.



O patriarcado, assim como o racismo e as desigualdades socioeconômicas, estruturantes da nossa sociedade, possui ferramentas/mecanismos de opressão, as mulheres, por exemplo, sofrem cotidianamente, seja com o padrão de beleza estabelecido, seja com outras violências (psicológica, moral, sexual, patrimonial, física) praticadas por seus parceiros amorosos ou por seus familiares/parentes.

Nesse sentido, a peça teatral realizada na atividade, mais do que uma expressão artística, foi um instrumento de denúncia, de reflexão e aprofundamento dos conceitos que são debatidos no curso. Além disso, como via de canalizar sua indignação, as pessoas puderam também escrever frases e palavras, ou até desenhar,

¹PET-Psicologia/UFAL. **Psicologia em Arte: O nosso machismo mata**, 2017. Fotografia 1



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

no corpo ou em cartolinas, podendo assim cada uma/um atuar e protagonizar naquele espaço. Dessa forma, o PET-Psicologia/UFAL com as/os estudantes do primeiro período do curso proporcionaram um espaço de arte, reflexão, práxis e, principalmente, político.



Diante disso, as atividades desenvolvidas ao longo da intervenção possibilitam discussões mais amplas ao que se refere às relações de gênero, patriarcado e violência, uma vez que estes, assim como o racismo e as desigualdades socioeconômicas, são as ferramentas/mecanismos de opressão, seja com o padrão de beleza estabelecido, seja com outras violências (psicológica, moral, sexual, patrimonial, física) provocadas por seus parceiros amorosos ou por seus familiares/parentes.

²PET-Psicologia/UFAL. **Psicologia em Arte: O nosso machismo mata**, 2017. Fotografia 2



O patriarcado, portanto, pode ser visto como uma estrutura de poder dos homens sobre as mulheres, na perspectiva de Saffioti (2004), construindo um tipo hierárquico de relação entre ambos, que se instala através da própria nomeação “patriarcado”, que já estabelece uma dominação masculina, naturalizando essa exploração histórica e estrutural.



³PET-Psicologia/UFAL. **Psicologia em Arte: O nosso machismo mata**, 2017. Fotografia 3

⁴PET-Psicologia/UFAL. **Psicologia em Arte: O nosso machismo mata**, 2017. Fotografia 4



Ainda nesse sentido, Lins (2007) afirma que a história do patriarcado é marcada e confundida com a nossa civilização há mais de cinco mil anos e, esse tempo longo, contribuiu para determinar nossa forma de sentir e pensar, tornando-se algo naturalizado do ser humano. A ideologia do patriarcado colocou em oposição homens e mulheres, ocasionando a divisão e a submissão de ambos os sexos, a elas (mulheres) coube o status de “inferiores”, e aos homens o de “superiores” (LINS, 2007). Dessa forma, ainda hoje sente-se os reflexos do pensamento patriarcal.

É evidente que a maneira como as relações entre homens e mulheres se estruturam — dominação ou parceria — tem implicações decisivas para nossas vidas pessoais, para nossos papéis cotidianos e nossas opções de vida. Da mesma forma, influencia todas as nossas instituições, os valores e a direção de nossa

evolução cultural, se ela será pacífica ou belicosa (LINS, 2007).

Nessa linha de pensamento das autoras, consideramos a relevância da atividade realizada, norteadas pelo tema “machismo”, pela sua função fundamental de propiciar aos/as estudantes de psicologia, por meio das expressões artísticas, enxergar a manutenção desses modelos estabelecidos socialmente e, portanto, a contribuição do PET-Psicologia/UFAL para a formação de futuras/os profissionais da área, que estejam em contato com o tema e engajados nesse processo, para assim criarmos formas de enfrentamentos.

Dentro da lógica estrutural desse modelo de dominação masculina estabelecido, a escolha do recorte em específico “Nosso machismo mata”, tem como objetivo trazer uma das consequências brutais do machismo - a morte - e provocar a reflexão e discussão sobre a participação de todas/os nós na manutenção dessa violência.

O impacto provocado pela atividade, com boa parte das/os alunas/os do bloco parando pra observar a intervenção, bem como para discutir o tema ou elogiar a construção do momento, o que não costuma acontecer na maioria das atividades ali realizadas, demonstra como a escolha do recorte “Nosso

⁵PET-Psicologia/UFAL. **Psicologia em Arte: O nosso machismo mata**, 2017. Fotografia 5



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

machismo mata” foi visto de fato como um convite para todas/os se sentirem convidados a pensar esse processo, se incluindo dentro dele, seja no papel de oprimida ou de opressor.

A reflexão em relação ao tema não aconteceu somente nas horas de duração da intervenção, como também nos dias que a sucederam, já que o ambiente permaneceu modificado com os dizeres da atividade, buscando atingir o público que fosse ao bloco em dias posteriores. Assim, tivemos reações positivas, como muitas/os das/os que por lá passaram ao longo dos dias registrando as produções e postando nas redes sociais como forma de resistência, como também tivemos aquelas/es que se sentiram incomodadas/os e ironizaram a intervenção, escrevendo questionamentos nos materiais expostos, como forma de diminuir a luta. Essas expressões contrárias também nos fizeram refletir sobre outras possíveis formas de dialogar com esse público que não estar a par do debate, como também afirmamos que a intervenção foi bem-sucedida, já que conseguiu alcançar vários públicos e incomodar, o que mostra que estamos mexendo com essa estrutura que está posta.

Saffioti (2004), afirma que essa violência contra a mulher persiste pela tolerância ou até incentivo para que os homens exerçam essa opressão, tudo isso

em nome da chamada virilidade masculina, que para ser reafirmada passou historicamente por essa permissão da dominação do homem sobre a mulher ao longo do tempo, com aprovação da própria sociedade.

As violências provocadas pela manutenção do machismo e do patriarcado dentro do contexto social não se inscrevem enquanto fatos novos, no entanto, a judicialização do problema, entendendo a judicialização como a criminalização da violência contra as mulheres no Brasil, começa acontecer apenas na última década, com a sanção da Lei 11.340, em agosto de 2006.

A Lei conhecida como *Lei Maria da Penha* tem como objetivo a eliminação de todas as formas de discriminação contra as mulheres, no intuito de prevenir, punir e erradicar a violência contra a mulher. A discussão sobre a temática da violência e as relações de gênero, tomou um novo gás, quando em março de 2015 é sancionada a Lei 13.104/2015, a *Lei do Feminicídio*, que passa a classificar como crime hediondo a caracterização violenta letal por condição de sexo.

O Mapa da Violência, do mesmo ano, com o tema Homicídio de mulheres no Brasil trouxe o tema do feminicídio para dentro da discussão dos dados estatísticos levantados de 1980 a 2013,



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

destacando ainda, a limitação da pesquisa nesse sentindo, pelo fato do período ser anterior a aprovação da Lei. O estudo define feminicídio:

[...] quando a agressão envolve violência doméstica e familiar, ou quando evidencia menosprezo ou discriminação à condição de mulher, caracterizando crime por razões de condição do sexo feminino. Devido às limitações dos dados atualmente disponíveis, entenderemos por feminicídio as agressões cometidas contra uma pessoa do sexo feminino no âmbito familiar da vítima que, de forma intencional, causam lesões ou agravos à saúde que levam a sua morte (WAISELFISZ, 2015 p.7).

As fontes básicas para análise do estudo, foram o Sistema de Informações de Mortalidade (SIM), da Secretaria de Vigilância em Saúde (SVS) do Ministério da Saúde (MS) e os resultados apontaram, segundo dados do SIM, que de 2008 para 2013 o número de homicídios de mulheres cresceu 252%, saindo de 1.353 mulheres em 1980, para 4.762 em 2013 (WAISELFISZ, 2015). Esses números, reinteram a importânciada inserção da temática do machimos dentro da formação das/os estudantes, seja da graduação universitária, ou do primeiro grau, discutir esse tema é também, discutir sobre problemas da saúde pública e sobre a vida dessas mulheres e tantas outras.

Considerações Finais

O relato de experiência do presente artigo é um exercício de trazer à reflexão questões referentes ao patriarcado, a relação de dominação dos homens sobre as

mulheres, por meio da arte, objetivando-se, assim, suscitar uma discussão na qual não só as mulheres como também os homens sintam-se convidadas/os ao diálogo.

Assim, enxergamos como fundamental a criação de momentos de reflexão como esses dentro do curso de psicologia, onde estamos inseridas/os, já que é importante que as/os estudantes passem por uma formação engajada com a realidade social do país, entendendo como esses modelos de opressão, como o machismo, construídos e perpetuados historicamente, interferem na constituição pessoal de cada uma/um e portanto, a psicologia deve atuar enxergando cada mulher e cada homem a partir também de sua realidade social e de todos os marcadores que as/os atravessam.

Por fim, é na construção de espaços como esses que resistimos, e que atuamos politicamente. O período atual exige resistência, luta, e que não nos calemos, ecoando assim as nossas vozes para além da academia, para além das nossas casas. É preciso força, companheirismo e sororidade.

Agradecimentos

Dedicamos este espaço às/aos estudantes que fazem parte do Programa de Educação Tutorial (PET), a todas/os estudantes do curso de Psicologia, da Universidade



XX REDOR

Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisas sobre Mulher e Relações de Gênero

Federal de Alagoas (UFAL) e em específico a turma do primeiro período 2017.1, por aceitarem participar e construir conosco essa intervenção. Agradecemos a contribuição em especial da nossa professora e tutora Maria Auxiliadora Ribeiro, assim como da professora Érika Cecília por todo o auxílio durante a construção da atividade.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **MOB: Manual de Orientações Básicas – PET.** Brasília, DF, 2006.

LINS, Regina Navarro. **A cama na varanda:** arejando nossas idéias a respeito de amor e sexo. Rio de Janeiro: BestSeller, 2007.

MONTERO, Maritza. El paradigma de la psicología comunitaria y su fundamentación ética y relacional. Montero M. **Introducción a la psicología comunitaria**, 1ª ed. Buenos Aires: Paidós, p. 41-53, 2004.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Gênero, patriarcado, violência.** São Paulo: Editora Perseu Abramo, 2004.

WASELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da Violência 2015:** Homicídio de mulheres no Brasil. 1ª ed. Brasília, 2015.